

## **DIFICULDADES NO ENSINO DA ORALIDADE EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Maria do Socorro Silva\*

**RESUMO:** O artigo aqui presente trata-se de uma pesquisa realizada em turmas de 9º ano, de duas escolas de rede pública estadual da cidade de Campina Grande-Paraíba, e tem como objetivo analisar as dificuldades encontradas pelo professor de língua inglesa ao ensinar a oralidade em sala de aula. A coleta de dados foi feita através de observações de aula durante a prática de conversação, de aplicações de exercícios e de questionários realizados durante a pesquisa em entrevista a três professores das referidas turmas. Constatamos, ao final, que são muitas dificuldades encontradas pelos professores, desde a falta de estrutura física das escolas, por não disporem de equipamentos necessários para o desenvolvimento da habilidade, turmas numerosas, falta de motivação intrínseca e a timidez do aluno, prejudicando, assim, a aprendizagem da oralidade na língua-alvo. Essa pesquisa está fundamentada nas contribuições teóricas de Erickson (1987), Krashen (1987), Lindsay e Knight (2006), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dificuldade na oralidade, língua inglesa, escola pública.

### **Introdução**

Numerosas implicações são mencionadas no ensino de língua inglesa nas escolas públicas, desde a falta de estrutura das escolas até os problemas sócio-econômicos nos quais os alunos estão inseridos. Tais problemas interferem diretamente no desempenho das atividades orais em sala de aula.

Neste artigo, mostro o resultado de uma pesquisa que envolveu professores do 9º ano das referidas escolas, os quais foram entrevistados por mim. Eles foram abordados com as seguintes questões: Quais os principais problemas encontrados pelo professor no ensino de língua inglesa em sala de aula? O que podemos fazer para mudar essa situação no ensino público? O ensino da oralidade é relevante para alunos de rede pública? As respostas dos

---

\* Graduanda do curso de Letras - Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba, campus de Campina Grande.

professores foram literalmente as mesmas. A falta de recursos da escola e fatores sócio-econômicos, a timidez dos alunos e falta de vocabulário são os principais problemas enfrentados pelos professores de línguas no ensino público. Com relação à mudança na qualidade de ensino nas instituições públicas, não depende só dos professores, mas do poder público e também dos alunos. Quanto à questão de relevância do ensino da oralidade em sala de aula, é um assunto em discussão.

A partir desse tema, surgiu o desejo de pesquisar quais os fatores que implicam as dificuldades do ensino da oralidade de língua estrangeira em sala de aula. Neste trabalho, os dados para análise compreenderam as respostas de três professores a um questionário por mim elaborado, focalizando aspectos que dificultam a prática da fala em sala de aula como: turmas numerosas, falta de recursos didáticos e desinteresse dos alunos pela língua, dentre outros.

Diante dessa evidente problemática, tornou-se claro e relevante o desejo de realizar este estudo. Portanto, o objetivo geral da minha pesquisa é mover uma reflexão sobre o tema em discussão e tentar encontrar uma solução viável para esse problema, apesar de reconhecer a difícil tarefa de desmistificar a crença de que aluno de rede pública não consegue desenvolver a habilidade da fala de língua estrangeira em sala de aula, levando em consideração que os próprios PCNs constataram a falta de interesse e de reconhecimento da importância de aprender uma língua estrangeira em regiões brasileiras:

... O ensino de língua estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental.

Porém, a rede pública de ensino abrange uma sociedade miscigenada, onde atuam alunos de vários níveis no âmbito intelectual. Dessa forma, não devemos desconsiderar a possibilidade de que muitos alunos da rede pública desejam oportunidades de desenvolver suas habilidades na sua instituição de ensino, ou seja, onde eles estão inseridos. Assim, pensar

em um modo de melhorar a qualidade do ensino de língua estrangeira no ensino público não é utopia, mas uma necessidade na área da educação pública no Brasil.

Considerando que a fala é o meio de comunicação mais utilizado no meio social, colocá-la de lado no aprendizado de uma língua é um pecado grave que leva a consequências sérias, como a desmotivação dos alunos ou até mesmo a rejeição pela disciplina. Nessa concepção, devemos repensar o ensino de língua estrangeira na escola pública e melhor valorizar o ensino dessa habilidade, a qual, bem desenvolvida, pode levar o estudante ao sucesso profissional.

## **1 – Processo de Ensino**

O ensino corresponde a ações, meios e condições para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Se restringirmos um a ensino mutilado a nossos alunos, que tipo personalidade estamos ajudando a criar no aprendiz? Um ser com limitações? Acreditando que só porque estuda em rede pública não será capaz de aprender a falar uma língua estrangeira? O que o professor deve dizer ao aluno quando ele questiona porque não abordamos a fala da língua alvo em sala de aula? São questões como essas que nos deparamos todos os dias em sala de aula. Obviamente que não podemos mudar essa teoria deformada e promover uma educação pública mais completa no âmbito do ensino de língua estrangeira como num passe de mágica, mas podemos tentar implantar um sistema onde as quatro habilidades, o listening, speaking, reading e writing sejam exploradas igualmente. Embora os processos de desenvolvimento dessas habilidades sejam especialmente oferecidos aos alunos de escolas de idiomas, estas são destinadas à classe social de maior poder aquisitivo. Tal realidade tem gerado especulações de brasileiros com respeito à categoria de ensino.

Erickson (1987) define a sensibilidade cultural pedagógica como um conjunto de estratégias e abordagens, as quais dão confiança e legitimidade ao relacionamento entre professor e aluno, dando, assim, ao professor, o direito de ensinar se o estudante concordar e aceitar este relacionamento. Sendo assim, acredito que os alunos que desejarem desenvolver a habilidade da fala da língua alvo, nada impede que se proporcionem meios para realização dessa competência.

## **2 - A escola em forma dinâmica de organização institucional**

Os estudos linguísticos sobre a educação referem-se ao sistema educacional como instituição de ensino estável e homogêneo; um tipo de cenário para o trabalho de professores e alunos na sala de aula. Porém, quando esse estudo é direcionado à questão de inovação na dimensão organizacional e metodológica, é encontrada resistência e grande dificuldade de adaptação a mudanças, ou seja, a renovações de métodos de ensino. Nesse caso, notamos os impactos quanto a esse procedimento dinâmico, múltiplo e contingente sobre as instituições de maior interesse, como as instituições de ensino público no Brasil. A dificuldade de adaptação à mudança quando se insere o ensino de uma língua estrangeira na escola pública é um fator importante que deve ser estudado com maior cuidado de reflexão, para o desenvolvimento de um trabalho melhor onde as unidades formais de análise serão privilegiadas no que diz respeito ao estudo de língua estrangeira nas instituições públicas de ensino.

De acordo com Nicolini e Holt (2003, p.2), há duas dimensões fundamentais na produção organizada da metodologia de ensino da aprendizagem e conhecimento: performatividade e espacialidade. Para a primeira, não existe separação entre o ato da fala e o conhecimento da aprendizagem, embora a aprendizagem exija o envolvimento dessas duas habilidades de participação dos interlocutores. Na espacialidade, junta-se a produção dessa prática, podendo ser temporalmente ou geograficamente, na situação com relação ao sujeito e ao objeto do conhecimento, sendo que a coexistência desses fatores está relacionada ao domínio do conhecimento ou de atividades a ser exploradas, em que o sujeito aprende e estabelece os relacionamentos ou a interatividade comunicativa descrita por Lave e Wenger (1991).

Para que falar? A fala é um ato indispensável à comunicação? Segundo a teoria de Lindsay, Knight e Paul (2006 p. 57-68),

Falamos por muitas razões - para ser sociável, porque você quer alguém, para expressar nossos sentimentos ou opinião sobre algo, para trocar informações, para se referir a uma ação ou evento no passado, presente ou

futuro, a possibilidade de algo acontecendo, e assim por diante. Por que falamos em muitas situações diferentes tipos, por exemplo: falar alguém cara a cara, com alguém ao telefone, um aluno respondendo a uma pergunta em sala de aula, quando alguém faz um discurso, fazendo parte de uma reunião, uma troca entre um cliente e assistente em uma loja, pedir a um estranho informações e conversar com amigos.

A fala é uma habilidade produtiva que envolve duas ou mais pessoas para interagir umas com as outras, onde se comunica a mensagem, ou seja, a troca de informação entre falantes. Na sala de aula precisamos conduzir nossos alunos na prática de ambas as habilidades, fala e interação comunicativa. Os alunos devem ser capazes de fazer decodificação e compreensão de sentido, ou seja, eles precisam ter o mínimo de conhecimento de mundo para conseguir se comunicar com precisão no meio social. Nas escolas públicas, geralmente são abordadas as atividades interativas de leitura e compreensão de textos, nunca se prioriza a fala. Na sala de aula, as atividades que simulam a prática de interação oral dos alunos são consideradas disparidade de atividades. Contudo, é importante que os professores deem aos alunos a oportunidade de livre expressão de fala. Dessa forma, acreditamos que podemos motivá-los à prática dessa habilidade. Durante a pesquisa, foi aplicada uma atividade na qual o professor conduz o exercício da fala (anexo 1), os estudantes, enquanto assessorados, mostraram-se interessados a essa prática. Porém, há condições desfavoráveis oferecidas pela escola, como as turmas numerosas, o que dificulta o trabalho do professor quanto a assistir aos alunos em suas particularidades, isso é um fato que desestimula os estudantes. Não podemos entender por que e como as escolas públicas frequentemente parecem produzir um processador gigante que esmaga e torna o ensino de língua inglesa uma ação penosa para os discentes, removendo toda a importância de se aprender uma língua estrangeira e, dessa forma, impedindo que os alunos tenham uma visão diferente em relação à aprendizagem de uma segunda língua.

### **3 - Aprendizagem e produção de prática de conhecimento**

Quando você considera a escola como forma dinâmica de organização institucional, produzida por uma série complexa de práticas sociais interconectadas, a questão de inovação

necessariamente é infalível à produção de aprendizado e do conhecimento em ordem de mudança ou melhoramento, nos termos de Nicolini e Holt (2003, p.3). Todavia, isso requer o entendimento do relacionamento entre o conhecimento, aprendizagem e mudança nas organizações dos métodos de ensino.

Stephan Krashen, com a teoria de *Assimilação Natural*, concluiu que a aquisição de segunda língua deveria ser baseada não só sobre as regras gramaticais, mas dando mais importância ao contato direto com situações nas quais os estudantes usem a linguagem para se expressarem e se comunicarem. Na teoria chamada *Aquisição de Aprendizagem*, do mesmo autor, ele argumenta que a gramática não é dispensável, mas tem pouca relevância na aprendizagem da linguagem, que o mais importante é se comunicar.

#### 4 - Conclusão

O ensino de língua inglesa, assim como outras línguas estrangeiras, nas escolas públicas não tem sido reconhecido satisfatoriamente pelos PCNs ou pela (LDB), os mesmos não consideram relevante o ensino da oralidade em sala de aula. Dessa forma, as escolas que seguem as diretrizes de base só atentam para a leitura e a interpretação textual, e não valoriza a comunicação oral. Dentre as quatro habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, a fala deveria ser um componente importante na abordagem de ensino. Sendo assim, é necessário reaver as condições das instituições e dos alunos da rede pública. Existem três fatores que contribuem efetivamente para o fracasso do ensino da oralidade em sala de aula. São eles: o preconceito, o fator econômico e o social. Sob o ponto de vista do preconceito, as escolas regulares alimentam a ideologia da não relevância do ensino da oralidade nas escolas, devido às dificuldades espaciais e a falta de recursos didáticos, em que tais aspectos configuram situações de impossibilidade total ou parcial. Quanto às repercussões econômicas, os gastos seriam superiores às condições das instituições públicas brasileiras. E do ponto de vista do social, este causaria frustração de ambos docentes e discentes, no caso de fracasso no ensino da oralidade de língua inglesa. Os três fatores aqui citados são a causa desses infortúnios no ensino da fala de segunda língua e também são consequência da desvalorização do ensino da oralidade em sala de aula.

## ANEXO – 1: TAREFAS

Você pode pensar em qualquer outra situação em que nós falamos?

Complete os espaços da tabela.

| FALA                                | ESCRITA                                     |
|-------------------------------------|---|
| GERALMENTE NÃO SÃO PREPARADAS       | 1   |
| 2                                   | AS SENTENÇAS SÃO CUIDADOSAMENTE ORGANIZADAS |
| INTONAÇÃO, GESTO E EXPRESSÃO FACIAL | 3   |
| 4                                   | A ESCRITA É LINEAR                          |

Abaixo nós temos diferentes tipos de atividades. Qual destas é mais controlada? Quais os focos de fluência ou exatidão?

Drills \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Pair work \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Group activities \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Class activities \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## ANEXO – 2 : QUESTIONÁRIO

Quais os principais problemas encontrados na aplicação das atividades de oralidade na sala de aula?

R: A falta de material didático, a timidez dos alunos, turmas numerosas etc.

É relevante o ensino da oralidade de língua estrangeira em escolas públicas?

R: Sim, por que mesmo que o aluno não adquira fluência na língua, ele se sentirá bem mais seguro para continuar estudando e desenvolver suas habilidades.

Como as escolas públicas podem promover incentivos ao desenvolvimento da oralidade em sala de aula?

R: O primeiro passo é proporcionar ao aluno a oportunidade de estudar e Fazer com ele se sinta capaz de desenvolver suas habilidades. As escolas públicas devem ter um laboratório equipado com os recursos necessários para assistir seus alunos com uma boa qualidade de ensino.

### **Referências Bibliográficas:**

ERICKSON. F. (1987). “Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement.” *Anthropology e Education Quarterly* 18:4, pp.335-356.

KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.

LAVE J. e F. Wenger (1991) *Situated learning: Legitimate participation Perpheral*. Cambridge University Press.

LINDSAY, Cora e KNIGHT, Paul. Speaking. *Learning and Teaching English*. Oxford: OUP. 2006.p.57-68.

NICOLINI, D. e R. HOLTI (2003). “Teorização baseada na prática e compreensão da mudança participativa nas organizações”, in: *Cadernos de Ciências Sociais*, 23, p. 21-39.